

Frei Luiz Turra

CREIO

*Da mente para o coração
e do coração para as mãos*



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Turra, Luiz
Creio – Da mente para o coração e do coração para as mãos / Frei
Luiz Turra. – 1. ed. – São Paulo : Paulinas, 2021.
172 p. (Ensina-nos a rezar)
ISBN 978-65-5808-076-3
1. Creio – Oração – Igreja Católica 2. Cremos – Igreja Católica
I. Título
21-2329 CDD - 242

Índice para catálogo sistemático:

1. Oração – Creio 242

1ª edição – 2021

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*
Antonio Francisco Lelo

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegare Neto*

Capa e projeto gráfico: *Tiago Filu*

Imagem de capa: *Healing of the Blind Man –*
The Museum of National History

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
SIM, EU CREIO!.....	9
COMO HUMANO, EU CREIO EM DEUS.....	13
CREIO COM A AJUDA DO ANTIGO TESTAMENTO	17
CREIO COM A AJUDA DO NOVO TESTAMENTO	21
CREIO EM DEUS, QUE CRÊ EM MIM.....	25
CREIO EM DEUS PAI.....	29
EM QUE PAI EU CREIO?	33
CREIO EM DEUS PAI COM JESUS, SEU FILHO	37
CREIO EM DEUS PAI TODO-PODEROSO.....	41
CREIO EM DEUS PAI, CRIADOR DO CÉU E DA TERRA	45
CREIO EM DEUS, CRIADOR DO SER HUMANO.....	49
CREIO EM JESUS CRISTO	53
CREIO EM JESUS CRISTO, SEU ÚNICO FILHO	57
COM SÃO PAULO, CREIO NO FILHO DE DEUS.....	61
CREIO NO CRISTO SENHOR.....	65
CONCEBIDO PELO PODER DO ESPÍRITO SANTO.....	69
NASCEU DA VIRGEM MARIA.....	73
PADECEU SOB PÔNCIO PILATOS.....	77
SOB O PODER POLÍTICO DE PILATOS.....	81

FOI CRUCIFICADO.....	85
MORREU NA CRUZ POR AMOR.....	89
CRUZ E MORTE E O CRISTIANISMO	93
SEPULTADO, DESCEU À MANSÃO DOS MORTOS	97
RESSUSCITOU AO TERCEIRO DIA	101
CREMOS NA RESSURREIÇÃO.....	105
SUBIU AOS CÉUS; ESTÁ SENTADO À DIREITA DE DEUS PAI	109
VIRÁ JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS	115
NO ENTARDECER DA VIDA, SEREMOS JULGADOS PELO AMOR (SÃO JOÃO DA CRUZ).....	121
CREIO NO ESPÍRITO SANTO	127
CRER NO ESPÍRITO SANTO QUE AGE EM NÓS	131
CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA	135
CRER E SER IGREJA, COMUNIDADE DE AMOR	139
CREIO NA COMUNHÃO DOS SANTOS	143
CREIO NA REMISSÃO DOS PECADOS.....	149
CRER E ACOLHER A REMISSÃO DOS PECADOS.....	153
CREIO NA RESSURREIÇÃO DA CARNE.....	157
CREIO NA VIDA ETERNA.....	161
“AMÉM”	167

APRESENTAÇÃO

Não importa a quantidade de páginas de um livro. Seja como for, precisa ter alma. E a alma de uma obra vale muito pela motivação com que foi efetivada. As Irmãs Paulinas sempre estiveram atentas em oferecer subsídios de formação humana e cristã aos destinatários de sua missão. A preciosa *Revista Família Cristã*, que agora assumiu uma renovada forma de comunicação, por muito tempo publicou reflexões sobre os artigos do “Creio”. Estes, mensalmente, foram sendo oferecidos aos leitores da mencionada revista.

Ao ser convidado a colaborar nesta missão, respondi favoravelmente, com a intenção de servir e ampliar o conhecimento desse inesgotável tesouro que é o Símbolo dos Apóstolos. Confesso que, a cada artigo que ia escrevendo, aumentava em mim o encantamento por esta oração, tão antiga e sempre nova. Aqui me lembrei de uma parte da oração de São Francisco: “É dando que se recebe”. Se foi uma responsabilidade colaborar, foi muito maior a graça recebida por tantas luzes que vieram se acendendo no caminho para minha vida e missão.

Também em relação ao estudo do “Creio”, vale a sugestão franciscana de fazer um caminho da mente para o coração e do coração para as mãos. O caminho de volta também ajuda: das mãos ao coração e do coração para a mente. O conhecimento acolhido com cordialidade torna a ação mais humana, simples e fecunda. A prática, movida a coração e iluminada pela mente, se torna cada

vez mais verdadeira, contribuindo com a realização da pessoa. O que está escrito sobre o “Creio” deseja contribuir para que o leitor tente fazer este caminho.

Paulinas Editora reúne agora todos os artigos escritos pelo autor, para oferecer um subsídio a serviço da formação inicial e permanente. Os conteúdos desta obra podem contribuir muito para fazer desta oração uma escola de vida e fé. Em cada palavra ou frase do “Creio”, há mais luz do que parece. Basta superar a frieza da fórmula para torná-lo uma verdadeira oração.

Frei Luiz Turra
Capuchinho

SIM, EU CREIO!

Como pessoas conscientes e de coração aberto, como Igreja viva, sempre necessitamos de novas luzes para prosseguirmos no percurso da fé. Por esse motivo, vamos repensando, meditando e tentando aprimorar o meu e o nosso “Creio”. Parte por parte, vamos refletindo e rezando o símbolo apostólico romano.

O texto que iremos estudar e aprofundar tem origem nas catequeses batismais do século II. Santo Ambrósio oficializou o nome de *Símbolo dos Apóstolos*, por ser um reflexo da Igreja dos tempos apostólicos, que privilegia os aspectos históricos e concretos da vida de Jesus.

Por ser uma fórmula orante, tão antiga e sempre nova, constantemente está sujeita a tornar-se vítima de um formulismo frio e mecânico. Ao ser recitado com a mente, sem passar pelo coração e iluminar nossas ações, o “Credo” também pode cair na rotina e no vazio. Quando isso acontece, oculta-se a relevância do significado e rouba-se a densidade sacramental das palavras, frases e até mesmo de seu todo. A meditação do “Credo” tem uma clara intenção: ajudar para que o “Creio” se torne uma proclamação de fé viva, comprometida e transformadora, tanto em nível pessoal como comunitário.

Destacamos que a primeira experiência no ato de crer não se faz com a inteligência. Em um primeiro momento não cremos em conhecimentos. A fé parte do movimento do coração. Crer vem do

verbo latino *credere*, expressão que tem dentro de si *cor-dare*, isto é, “dar o coração”. Aí está a experiência dos discípulos de Emaús, que abrem os olhos porque seus corações ardiam no caminho, quando Jesus explicava as Escrituras. Então, reconhecem-no ao partir o pão (cf. Lc 24,32).

DECIDIDAMENTE, “EU” CREIO!

Que motivo nos leva a começar a oração do “Creio” em primeira pessoa do singular? Por que não começamos com o “Cremos”, já que esta é uma oração oficial da Igreja e rezada na comunidade? Não faltam perguntas similares aos que participam dos encontros de Iniciação Cristã, especialmente quando ensaiam o rito da renovação das promessas batismais. Por que responder “creio” e não “cremos” às perguntas que nos são feitas no momento? Na palavra “amém”, pronunciada pelo crismando, após a unção; na palavra “amém”, de todo cristão, ao receber o Corpo de Cristo na Eucaristia, está o “Eu creio” em primeira pessoa.

Na verdade, é bom lembrar que a fé é um ato decisivamente pessoal. “Ninguém substitui a liberdade do outro nem a singularidade do ato de crer” (Pe. João Batista Libânio). São Paulo afirma: “Pois é acreditando de coração que se obtém a justiça, e é confessando com a boca que se chega à salvação. Pois a Escritura diz: ‘Todo aquele que acredita nele, não será confundido’” (Rm 10,10-11).

A palavra que eu digo convictamente pode não ser pronunciada com todo seu significado ou na intensidade do compromisso. Porém, se a repito de coração, certamente vai reforçando a convicção pessoal e me impelindo a vivê-la de modo sempre mais autêntico e real, no dia a dia da vida.

VIVENDO O “CREIO” EM NOSSOS DIAS

Quando, em nossos dias, eu afirmo: “Creio!”, que ressonância acontece dentro de mim? Quando afirmo que creio diante da comunidade, o que me provoca essa corajosa afirmação e o que significa para a comunidade? Quando me ponho em diálogo com Deus e a ele declaro meu “Creio”, que reação eu sinto e qual poderia ser a resposta dele a mim? Com razão, Kierkegaard afirma: “A pessoa não se prepara para o cristianismo pela leitura de livros ou pelas perspectivas histórico-mundiais, mas pelo aprofundamento na existência”.

O que é circunstancial muda e diversas vezes passa para o esquecimento, mas o que é fundamental permanece. O “eu creio” em nossos dias pode sofrer os abalos das circunstâncias, mas estará sempre vivo no coração dos humanos. Em meio às mais sombrias tentações, há sempre uma nostalgia de um ideal de perfeição humana.

Nos tempos pós-conciliares, Karl Rahner registrou uma frase lapidar, que ressoa também em nossos tempos: “O cristão de amanhã, ou será um místico, alguém que já experimentou algo, ou já não será nada, porque a experiência religiosa de amanhã não estará mais sustentada por uma convicção pública unânime e evidente, nem por costume religioso geral”. Não vivemos mais em regime de cristandade!

PARÁBOLA DA ÁRVORE SOLITÁRIA

A natureza nos ensina! Uma antiga castanheira vivia em uma imensa floresta, em alta montanha. Naquele lugar não faltavam

ventos fortes e frequentes. Por ser densa, a floresta garantia a defesa de cada árvore, que se sentia amparada e segura, uma ao lado da outra. Mas um ousado agricultor, sabendo que a terra da floresta era muito fértil, resolveu impiedosamente derrubar as árvores; porém, decidiu poupar a castanheira e deixá-la, por ser de estimação.

A castanheira viu-se sozinha e desamparada na solidão da montanha. A princípio, a crise natural a deixou ameaçada de morte e totalmente deslocada de seu ambiente, embora ficasse no mesmo lugar. Não restava outra reação senão entregar-se à desolação e à morte. Contudo, à medida que o tempo passava e o vento a ameaçava, a castanheira foi aprofundando e firmando suas raízes, de tal sorte que a reação lhe deu garantia de ir se tornando uma presença sempre mais elegante e admirada naquela montanha.

Hoje, o meu “Creio” não pode depender do “Creio” dos outros. Eu preciso crer por mim, firmar as raízes da fé por mim. Credo, posso contagiar a comunidade e a comunidade, por sua vez, pode me estimular a crer.

COMO HUMANO, EU CREIO EM DEUS

O movimento da fé nunca começa por mim. A fé não é uma elaboração humana. Poder dizer “creio em Deus” é um dom, é uma graça, a qual não dispensa, porém, a nossa responsabilidade, tanto pessoal como comunitária de aderir, acolher, cultivar e desenvolver esse dom que dignifica nossa existência e nossas relações. Começamos acenando alguns aspectos humanos de nossa relação a partir do “Creio em Deus”.

DEUS EM NOSSA EXPERIÊNCIA MAIS ÍNTIMA

Santo Agostinho dizia: “Deus é mais íntimo a nós do que nós a nós mesmos!”. Esta realidade se dá mesmo que a pessoa não perceba nem a reconheça como tal. A categoria “presença” de Deus nos precede. Considerando-se crente ou não crente, Deus se dá a todos. Na turbulência da vida, Agostinho descobre que Deus o esperava e nunca tinha deixado de ser o primeiro a procurá-lo. A inquietação humana por Deus tantas vezes se faz sentir misturada com nossos desenganos de seres finitos, carregados de desejos infinitos.

O meu e o nosso “Creio em Deus” pode ser despertado, existencialmente, dentro do realismo de nossas humanas inquietações. Deus não nos atropela! Ele fica sempre esperando, até mesmo feito

mendigo a bater em nossa porta. “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo” (Ap 3,20). Com razão, depois de abrir a porta da mente e do coração, Agostinho pôde dizer: “Tarde te amei, ó beleza tão antiga e sempre nova! Eis que estavas dentro de mim e eu fora. Estavas comigo e não eu contigo. Exalaste perfume e respirei. Agora anelo por ti. Provei-te e tenho fome e sede. Tocaste-me e ardi por tua paz”.

Os modos de despertar o “Creio em Deus” acontecem por caminhos diversos. Uma é a experiência do apóstolo Paulo, outra é a de Agostinho; outra ainda a de Francisco de Assis e de Inácio de Loyola. É bom conhecermos o livro *A linguagem de Deus*, de Francis S. Collins, diretor do projeto Genoma. A partir de sua experiência, ele nos ajuda a perceber que é plenamente possível a reconciliação e a harmonia entre Deus e a ciência.

DEUS É MAIOR DO QUE PODEMOS PENSAR E AMAR

Dizemos que cremos em Deus, mas tantas vezes brigamos com ele ou preferimos deixá-lo de lado! Facilmente somos levados a certa rebeldia, porque não entendemos isso ou aquilo, porque não foi dada resposta imediata ao que pedíamos e até mesmo porque nos deparamos com nossos limites humanos.

Nosso “Creio” não nos permite manipular Deus ao tamanho de nossas conveniências, nem à verdade, ao bem e à beleza que pressentimos em Deus. Por nossas capacidades captamos reflexos, mas somos sempre limitados. Essa realidade nos põe em tensão para o absoluto. São Francisco de Assis, debatendo-se nos tantos

limites seja das glórias humanas, seja da fugaz herança paterna, da saúde e da liberdade, deu-se conta e saiu proclamando: “Meu Deus e meu tudo!”. E São João da Cruz convenceu-se de que é o Deus presente e ausente que nos atrai para si, promovendo esse incessante dinamismo de nosso coração.

DEUS NÃO ESTÁ LONGE DE CADA UM DE NÓS (CF. AT 17,27)

O discurso de Paulo no Areópago de Atenas também nos confirma a proximidade de Deus: “Nele vivemos, nos movemos e existimos [...]. É ele quem a todos dá vida, o movimento e o ser” (At 17,25b-28). Essa proximidade que nos é concedida em relação ao infinito é que possibilita a nossa liberdade; caso contrário, o ser humano se aprisionaria em uma redoma de morte. Assim, Deus se faz o sentido do aqui e agora e o norte definitivo da vida de cada ser humano.

A convivência com a idolatria torna-se fonte de todas as injustiças. Só no Deus verdadeiro nos tornamos capazes de relativizar todo o interesse egoísta e impedir que ele se sacralize diante dos direitos dos outros. Deus é a fonte da verdadeira moralidade e dignidade. O nosso “Creio em Deus” representa uma exclamação exultante diante de um mundo que tem sentido, que não é absurdo, que não é vazio; então, é uma resposta amorosa e misteriosa ao ser humano.

Crer em Deus deve significar e proclamar o júbilo do sentido da vida e de todas as coisas. Ele nunca pode ser desligado da pessoa, do seu trabalho, das aspirações e lutas humanas. Deus não é uma afirmação cômoda, mas uma exigência ilimitada de verdade, amor, justiça e serviço.

DEUS E O MISTÉRIO DA EXISTÊNCIA QUE VAI PARA A MORTE

Deus é o grande silêncio diante do qual o ser humano se encontra pela morte. Aqui nos encontramos com o mistério do ser. Não é de estranhar que muitas propostas religiosas tenham partido da morte, como o vértice, a partir do qual encaramos a trajetória da vida na história. A propósito dessa realidade, Rabindranath Tagore nos deixa um significativo poema: “Ao romper do dia, ó Senhor da vida, apresentar-me-ei a ti! Juntando as mãos, ó Deus da terra, apresentar-me-ei a ti! Na imensidão do céu, na intimidade do silêncio, na simplicidade do coração, com lágrimas nos olhos, apresentar-me-ei a ti! Na vastidão do universo, no mar imenso do trabalho, perdido na multidão, apresentar-me-ei a ti”. Na minha vida, ao término dos meus dias, ó Senhor dos Senhores, em silêncio, apresentar-me-ei a ti!”.

CREIO COM A AJUDA DO ANTIGO TESTAMENTO

“A Bíblia inteira narra o revelar-se de Deus à humanidade; toda a Bíblia fala de fé e ensina-nos a fé, narrando uma história em que Deus faz progredir o seu projeto de redenção, tornando-se próximo de nós, humanos, através de muitas figuras luminosas de pessoas que acreditam nele e a ele se confiam até à plenitude da revelação no Senhor Jesus” (Bento XVI, Audiência geral, 23/01/2013).

Se toda a Bíblia fala de Deus, não o faz com a preocupação de provar-nos, de forma especulativa, a existência ou as características divinas, mas o faz para que reconheçamos a sua presença em todas as suas obras e na história humana. “Como o perverso é arrogante de rosto e incapaz de refletir: Deus não existe! Tudo não passa de devaneios” (Sl 10,4). Assim, é considerado estulto e de má-fé aquele que confirma que Deus existe, mas se manifesta indiferente aos sofrimentos humanos.

ABRAÃO, NOSSO PAI NA FÉ

A Carta de Paulo aos Hebreus acende luzes ao nosso “Creio em Deus” acenando para as grandes figuras bíblicas, e, evidentemente, começando por Abraão. “A fé é o fundamento da

esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê” (Hb 11,1). O olhar da fé nos leva a ver o invisível e a despertar o coração para esperar além de toda esperança, assim como a Carta aos Romanos afirma em relação a Abraão, “que acreditou contra toda esperança” (Rm 4,18).

A Carta aos Hebreus apresenta Abraão deste modo: “Foi pela fé que Abraão, obedecendo ao apelo divino, partiu para uma terra que devia receber como herança. E partiu sem saber para onde ia. Foi pela fé que ele habitou na terra prometida, como em terra estrangeira, habitando ali em tendas com Isaac e Jacó, co-herdeiros da mesma promessa. Porque tinha a esperança assentada sobre os fundamentos eternos, cujo arquiteto e construtor é Deus” (Hb 11,8-10). Deus pede a Abraão que parta: “Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar” (Gn 12,1).

Abraão parte no escuro, mas a escuridão é iluminada pela luz da promessa. Sua caminhada é paradoxal. Como ser pai de um grande povo, se sua esposa era estéril? Como chegar a uma nova pátria, se, como estrangeiro, só podia dispor de um lote de terra para sepultar Sara (cf. Gn 23,1-20)? Como ter descendentes tão numerosos como a areia da praia do mar, se lhe é pedido o sacrifício do filho único, Isaac?

Quando proclamamos “Creio em Deus”, dizemos como Abraão: “Confio em ti”, mas não apenas nas horas de aperto e em algum momento da semana. Dizer “Creio em Deus” significa fundar sobre ele a minha própria vida, é deixar que sua Palavra me oriente todos os dias, nas escolhas concretas, sem medo de perder algo de mim e até mesmo de ter de andar na contramão da maioria.

“CREIO EM DEUS” NO MONOTEÍSMO

Preservar a verdadeira concepção de Deus no monoteísmo torna-se um desafio imenso diante do forte atrativo das formas de culto dos vizinhos pagãos. Israel não pode se comportar como os outros povos, porque Deus fez com ele uma aliança no tempo de Moisés (cf. Ex 24,1-11), depois das primeiras promessas a Abraão (cf. Gn 24,1-11). Quando o povo de Israel esquece essa aliança, é sempre chamado a retornar ao seu Deus com uma vida de santidade. “Sede santos, porque eu sou santo” (Lv 11,44).

A presença de Deus na história do povo de Israel é vivida e sentida de modo muito familiar. Com frequência era descrita e apresentada em formas e qualidades humanas, e, por que não dizer também, defeitos humanos. Isso acontecia sem negar ou esquecer sua absoluta transcendência.

Para confirmar esses antropomorfismos, trazemos algumas citações: “Deus é o santo” (Is 6,3). O único existente: “Eu sou aquele que sou” (Ex 3,14). Não precisa prestar contas a ninguém de suas ações: “Quem pode determinar a conduta dele, ou quem lhe pode dizer ‘Está praticando injustiça?’” (Jó 36,23). “Ai daquele que, sendo apenas um vaso de barro, se atreva a discutir com aquele que o modelou [...]” (Is 45,9-13). Deus está atento e solícito às suas criaturas, mais do que uma mãe. Sião dizia: “Javé me abandonou, o Senhor me esqueceu! Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Pode ela deixar de amar o filho de seu ventre? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de ti” (Is 49,14-15).

A reflexão do Antigo Testamento, longe de contrapor-se à do Novo Testamento, abre-se à revelação mais completa de Deus, que nos é feita por Jesus Cristo. “Ninguém jamais viu a Deus, mas o Filho único, que está junto do Pai, o revelou a nós” (Jo 1,18).

CRER EM DEUS ONTEM, HOJE E SEMPRE

“Creio em Deus” perpassa os séculos e milênios, não como uma fórmula de conveniência, mas como uma profissão de fé que se torna a espinha dorsal da história humana. É o povo de Deus em constante aliança com seu Deus. É Deus em aliança fiel com seu povo. Afirmar “Creio em Deus” anima-nos a partir, a sair de modo incessante de nós mesmos.

“Partir como Abraão, para levar à realidade cotidiana em que vivemos a certeza que nos vem da fé, a certeza da presença de Deus na história, também hoje. Esta presença nos traz vida e salvação, abrindo-nos a um futuro com ele, para uma plenitude de vida que nunca conhecerá o caso” (Bento XVI, Audiência geral, 23/01/2013).

CREIO COM A AJUDA DO NOVO TESTAMENTO

É uma graça poder proclamar: “Creio em Deus” com a ajuda do Novo Testamento, pois nele se encontra a luz maior para nossa relação de fé na vida cotidiana e na história. Essa luz vai nos revelando, de forma mais transparente, a Deus, e nos é garantida em Jesus. “Ninguém jamais viu a Deus, mas o Filho único, que está junto do Pai, o revelou a nós” (Jo 1,18).

O Novo Testamento, sem descuidar do ensinamento sobre a transcendência de Deus e sua presença na história, apresenta-nos, de maneira mais incisiva, clara e aprofundada, o amor de Deus em ação e a decorrente responsabilidade de quem é amado e deve amar também o próximo. O “Creio em Deus”, de imediato, nos coloca em sintonia com a gratuidade do amor que está no coração da vida cristã. São João é o mestre a nos ensinar que Deus não só tem amor como também é amor. Crer nele é crer no amor e nos comprometermos a amar.

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus. Todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor. Nisso se tornou visível o amor de Deus entre nós: Deus enviou seu Filho único ao mundo, para podermos viver por meio dele. E nisto está o amor: não é que nós tenhamos amado a Deus, mas foi ele que nos

amou primeiro e enviou seu Filho para expiação de nossos pecados. Amados, se Deus nos amou tanto, também nós devemos amar-nos uns aos outros” (1Jo 4,7-11).

O “Creio em Deus”, conforme o Novo Testamento, nos liberta de conceitos vagos de Deus e nos põe em uma relação amorosa e responsável diante do mundo. “Pois Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho único, para que não morra quem nele crer, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou seu Filho para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,16-17).

O Novo Testamento já engloba de modo evidente, no “Creio em Deus”, as três pessoas da Santíssima Trindade e nos faz conhecer a Deus como Pai, Filho e Espírito Santo. Completa-se, assim, a progressiva revelação que nos introduziu no mistério divino: “Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou no passado aos nossos pais pelos profetas; agora, nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio de seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual fez os séculos” (Hb 1,12).

CREIO NO DEUS ÚNICO E VERDADEIRO

Ao falar de Deus, Jesus pensa no Deus de nossos pais: de Abraão, Isaac e Jacó. É Javé, o Deus do povo de Israel. Este é o único Deus. Fora dele não há outro. A fé em um Deus único é comum a judeus, cristãos e muçulmanos. Essa fé pode ser o ponto de convergência para melhor compreensão e solidariedade. Um único Deus deveria ser o argumento imbatível de superação das históricas hostilidades. Essa fé monoteísta, mesmo que não represente um programa social, tem profundas consequências sociais.

Jesus não funda uma nova religião. Ele segue a tradição profética. Ao falar do Reino e da vontade do Pai, Jesus parte sempre da ideia do mesmo Deus do Antigo Testamento. Ele não perde tempo em elaborar doutrinas ou defender dogmas. Não considera Deus como “objeto” de raciocínio, mas busca viver em permanente sintonia com sua vontade, em confiante obediência. Resume toda a Lei e os profetas no mandamento do amor a Deus, acima de tudo, e no amor ao próximo.

CREIO NO DEUS DE ISRAEL E DE JESUS

Como cristão, creio em Deus, Javé. O “Creio” do Novo Testamento não se relaciona a outro Deus. Javé é o Deus dos judeus, o Deus de Jesus e o Deus dos cristãos. O diferente não está na pessoa de Deus, mas no modo de experiência com que cultivamos a relação com Deus. Jesus é quem nos permite perceber e nos relacionar com Deus, Javé, de modo novo e verdadeiro. É Jesus que corrige, aperfeiçoa e revela plenamente o Deus de Israel e o nosso Deus. “Ninguém conhece o Filho, senão o Pai. E ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27b).

PURIFICAÇÃO DAS IMAGENS DE DEUS

A forma como nós cristãos representamos a Deus acaba determinando nossa representação junto aos outros. Um Deus juiz, vingador, mais propenso a condenar do que a salvar, o Deus da majestade, não só pode comprometer nossa relação pessoal como afetar o nosso modo de presença e o nosso anúncio junto aos outros.

Só a partir de Cristo podemos purificar a imagem de Deus. O Deus de Jesus Cristo é o Deus humilde e pobre, frágil e vulnerável. Não se apresenta na força, nem no poder, nem no exercício de uma transcendência que nos oprime, mas no choro da criança de Belém e no grito do Crucificado.

“Por isso é importante que a teologia nos ajude a fazer um exercício crítico em relação às imagens de Deus, que precisam ser purificadas, para que a nossa inserção no mundo traduza o Deus de Jesus Cristo, e não um Deus que a própria vida de Cristo veio negar” (Cardeal José Tolentino Mendonça).

O “Creio em Deus” nos deixa inquietos diante de tantos que perderam a fé e se tornaram ateus, porque reagem contra uma representação religiosa arcaica, moralista, sentimental, infantil ou egoísta. O magistério de muitos Papas, especialmente Francisco, nos ajuda no encontro e na vivência do verdadeiro “Creio em Deus”.